Bem-Te-Vi

ANO XVII • Julho de 1939 • NUM. 7

Que susto!

Armandinho era filho único.

Quando seus pais saíam para o trabalho, êle se sentia muito triste e só; desejava ardentemente ter um companheirinho.

Que susto passou certa manhã ao acordar! Em sua cama, junto com êle, estava deitado um outro menino.

Estaria sonhando? Não, o menino! alí estava, acordado também e como que sonhando.

Armandinho falou primeiro, cheio de curiosidade e espanto:

— Quem é você? Como se chama? Quando veio aquí? De onde?

O desconhecido falou sem embaraço:

— Chamo-me Olavo e morava na grande casa da rua da Glória, mas como vim parar aquí não sei. E você, como se chama?

— Meu nome é Armandinho e moro aqui só com papai e mamãe, estou muitíssimo contente com você aquí. Vou levantar-me e perguntar à mamãe quem o trouxe.

Olavo também quís levantar-se, mas não encontrou sua roupa.

— Onde estará minha roupa? perguntou assombrado.

— Vista esta minha e calce meus sapatos, disse Armandinho, trazendo-lhe seus sapatos novos.

Já vestidos, correram à cozinha.

Mamãe abraçou os dois e disse, vendo-os muito espantados:

— Sabem que aconteceu a noite passada? Incendiou-se uma parte do asilo dos órfãos e foi grande o desastre. O fogo destruiu por completo justamente o dormitório dos menores. Felizmente nenhuma criança pereceu, pois os bombeiros foram de uma abnegação sem par. Diversas famílias recolheram um ou dois orfãozinhos; vieram como estavam, com camisola e alguns aínda dormindo. Tomára que nenhum tenha ficado doente por sair assim já tarde da noite. Êsses talvez só possam voltar quando fizerem um novo pavilhão.

Um dia, enquanto Olavo saíu, Armandinho disse à mãe:

— Mamãe, não deixe o Olavo ficar no asilo; êle não quer voltar e eu não quero mais ficar sòzinho. A senhora deixa-o ficar, não deixa, mãezinha?

Mamãe, abraçando o filho, disse-lhe muito comovida:

— Mas você, Armandinho, está disposto a repartir com êle tudo o que é seu, como se fôsse seu próprio irmão?

— Como não hei-de dar, mamãe? Até mais da metade eu lhe darei se a senhora o deixar ficar sempre comigo. Seria tão bom!

Dalí a pouco chegou Olavo com rosto tristonho e exclamou:

— Sabe o que me disse uma senhorita do asilo? Contou que há 6 meninos que não voltarão ao asilo, pois vão ficar com os famílias que os tomaram na noite do incêndio.

— Seis não, *sete*, replicou Armandinho, pois você será o meu companheiro por tôda a vida. Já falei com mamãe e ela consentiu, com a condição de sermos como 2 irmãos.

Olavo arregalou os olhos; seu coração começou a bater de júbilo e, correndo ao jardim, onde estava *sua mãe*, deu-lhe um longo e apertado abraço.

Minutos depois lá estavam os dois irmãozinhos, rindo, pulando e cantando de tanta alegria.

ANO XVII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 7

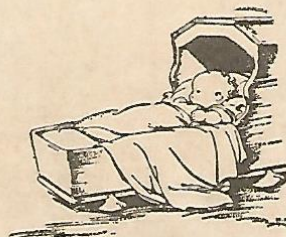
Gerente responsável: **Fernando Buonaduce**

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: **Afonso Romano Filho** • **São Paulo, Julho de 1939** • Redatora: **Antonieta Gonçalves Gilioli**

Infância

O berço em que adormecido,
Repousa um recém-nascido,
Sob o cortinado e o véu,
Parece que representa,
Para a mamãe que o acalenta,
Um pedacinho do céu.

Que júbilo, quando, um dia
A criança principia,
Aos tombos, a engatinhar...
Quando, agarrada às cadeiras,
Agita-se horas inteiras
Não sabendo caminhar!

Depois, a andar já começa,
E pelos móveis tropeça,
Depois, a bôca entreabrindo,
Quer correr, vacila, cai...
Vai pouco a pouco sorrindo,
Dizendo: mamãe... papai...

Vai crescendo. Forte e bela,
Corre a casa, tagarela,
Tudo escuta, tudo vê...
Fica esperta e inteligente...
E dão-lhe, então, de presente
Uma carta de A. B. C....

Olavo Bilac.

UMA REPRESENTAÇÃO PARA MENINOS E MENINAS

PERSONAGENS:

Léa
Terezinha e Véra (irmãs de Léa só por parte de pai)
A madrinha fada
O menino vendedor de frutas
O príncipe.

A CENA

Na casa de Léa e suas duas irmãs; o quarto é simples, pois êles são pobres. No centro há uma mesa, do lado esquerdo, uma cadeira, e do lado direito, um canapé. A porta do lado esquerdo dá para fora e a do lado direito, dá para a cozinha.

Como ficar no palco, o arranjo das cadeiras, e outras instrucções deixamos a critério dos atores.

A REPRESENTAÇÃO

(*Quando as cortinas se levantam, Léa está sentada numa cadeira, costurando. Seu vestido já está bastante usado, e os sapatos são velhos. Suas duas irmãs, mais bem vestidas que ela, estão sentadas no canapé, olhando-a*).

TEREZINHA — Que tarde sombria! Desejava que o dia passasse mais depressa!

VÉRA — Parece que vai levar aínda um século para a hora do baile.

LÉA — E no entanto faltam só algumas horas.

TEREZINHA — Mas o bastante para se cansar de esperar.

LÉA — Se você estivesse trabalhando, o tempo passaria depressa. Não quer ajudar-me a costurar?

TEREZINHA — Vê lá! Não vou estragar minhas mãos.

VÉRA — Nem eu! As mãos de Léa estão sempre vermelhas de tanto lavar e costurar. Imagine como vão aparecer no baile!

LÉA — Mas, irmãs, ai de vocês se eu não trabalhasse assim. Nenhuma de nós teria vestidos para o baile!

TEREZINHA — Eu mal posso esperar. Virão

centenas de pessoas de todo o reino, entre elas, o Príncipe em pessoa.

VÉRA — Dizem que o Príncipe vai escolher uma noiva.

TEREZINHA — Talvez eu seja a escolhida. Que tal, hein?

VÉRA (aborrecida) — Se êle escolher uma de nós, será a mim, pois sou a mais bonita.

LÉA — Não briguem, irmãs; para que estragar um dia tão bonito?

TEREZINHA — Se eu tivesse mantos mais bonitos para o baile, seria bem mais feliz. O meu está tão velho!

VÉRA — (suspirando) — E o meu!? Gostaria também de ter um novo.

LÉA — Eu também.

(*Ouve-se uma batida na porta que fica à esquerda*).

VÉRA — Quem será?

TEREZINHA — Vá ver.

VÉRA — Eu estou cansada. Vá você.

LÉA — Eu irei.

(*Levanta-se e vai à porta. Abre-a e volta encantada*).

ALGUÉM — (*de fora*) — Boa tarde, queridas.

LÉA — Será possível? E' a nossa fada madrinha?

IRMÃS — Nossa fada madrinha!

(*A madrinha entra. Está com um paletó comprido, um chapéu pontudo e traz uma varinha na mão. Carrega em seus braços, três paletós. Ela rodeia a mesa e Léa fica de pé ao lado da cadeira*).

MADRINHA — Ouvi suas conversas e trouxe mantos para vocês usarem hoje à noite.

TEREZINHA — Oh! Que beleza! Posso ficar com o mais bonito?

VÉRA — O mais bonito é meu.

MADRINHA — Todos são bonitos, e o melhor é que são encantados! Se vocês não desmancharem o seu encantamento, êles lhes trarão cousas maravilhosas!

LÉA — Muito agradecida, madrinha querida.

MADRINHA — Desejo-lhes uma noite agradável.

(*Caminha em direção à porta*).

LÉA — A senhora já vai?

MADRINHA — Vou, mas volto aínda. Passem bem.

(*Logo que ela sae, Léa senta-se e recomeça o trabalho. Terezinha e Véra ficam a admirar os mantos*).

TEREZINHA — Penso que o meu é o mais bonito.

VÉRA — Não, o meu é que é.

(*Outra batida na porta*)

LÉA — De certo é a madrinha que volta (Abre a porta).

MENINO — (*entrando*). Desejam comprar algumas frutas frescas? (*Veste-se de trapos e carrega um cesto de frutas.*)

LÉA — Que pena, não precisamos de frutas hoje.

MENINO — Parece-me que ninguém precisa de frutas hoje. Eu já andei tanto, estou tão cansado e com tanto frio! Será que a senhora poderia arranjar-me uma tigela de sopa?

TEREZINHA — Não temos nada para lhe dar.

VÉRA — Vá-se embora.

LÉA (*às irmãs*) — Pshiu! (Ao menino) — naturalmente, vou-lhe arranjar um pouco de sopa. A noite está fria e você não pode estar andando assim ao vento com tão pouca roupa. Por que não vestiu o paletó?

MENINO — Ora, eu não tenho paletó; sou muito pobre.

LÉA — Você mora longe?

MENINO — A uns 5 quilómetros.

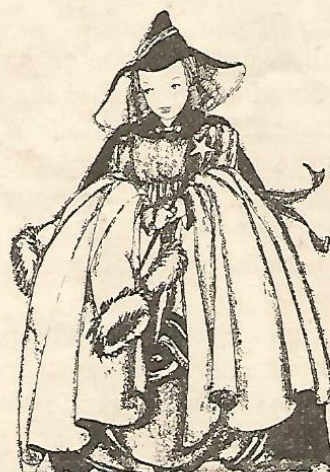
LÉA — Mas você não pode andar tanto assim sem um paletó quente (*Entregando-lhe o seu novo*) Tome êste. Quero que o vista; daquí a pouco estará bem quente.

MENINO — Mas...

LÉA — Não, não, leve-o, faça o favor, e agora, venha tomar a sopa. (*Enquanto êle pega o paletó, ela vai até à porta à direita e indica*) — aquí está a cozinha. As tigelas e colheres estão na mesa e a sopa no fogo. Coma à vontade. (Êle sai)

TEREZINHA — Como você é boba!

VÉRA — Por que não deu o paletó velho?

LÉA — O meu velho está tão fino quanto as roupas velhas dêle.

TEREZINHA — Com efeito! Eu não daria meu paletó novo para um mendigo!

VÉRA — Nem eu! Nem paletó e nem sopa. Mal dá para nós, a-pesar-de Léa ganhar um pouco com as costuras.

LÉA — Êle pode ficar com a minha parte. (A madrinha entra pela porta à esquerda).

TEREZINHA — Madrinha!

MADRINHA — Desejo que vocês vejam uma cousa. Por isso é que voltei. (Indo em direção à cozinha, acena) — Venha. (Enquanto ela fala, o menino, agora vestido como um príncipe, entra).

VÉRA — O Príncipe!

TEREZINHA — Sua Alteza! (*Ela e Véra se inclinam*).

LÉA — Sentimo-nos honradas (*Inclina-se também*).

PRÍNCIPE — Obrigado. Você foi muito boa para comigo.

TEREZINHA — Nós nem *sonhavamos* que era o príncipe.

MADRINHA — Fui eu que lhe dei as roupas rasgadas e que o trouxe aquí. Desejava que êle encontrasse a menina que devia ser sua noiva com o paletó encantado.

TEREZINHA — Eu tenho o paletó encantado.

VÉRA — (ciumenta) Eu é que tenho.

MADRINHA — Não, ambas estão erradas. Léa é a única que o tem. Vocês estragaram o encanto dos seus paletós com o egoismo e a maldade.

PRÍNCIPE — (para Léa) — Realmente você é a donzela mais bonita em tôda a terra, e seu, tambem, o coração mais bondoso. Eu a escolho para minha noiva.

MADRINHA — (*Tocando sua varinha sôbre êles, enquanto o Príncipe se inclina diante de Léa e lhe toma a mão*). Oxalá vivam alegres e felizes, com a bênção reservada aos bons.

O AMOR NUNCA FALHA

Conheço uma casa onde há muita pobreza, muito trabalho e muito sofrimento. Mas quem nela permanecer uma hora que seja, há-de confessar existir alí alguma coisa boa e agradável. O ambiente é de amor, bondade, delicadeza e alegria, o que não é facil de se encontrar. Esquece-se a mobília paupérrima na presença desta coisa magnífica, e que na realidade não tem preço.

Nesta casa há uma mãe inválida que só deixará a cama quando render seu espírito a Deus, indo viver uma vida melhor.

Alí há um pai que trabalha o dia todo por um salário insignificante.

Há tambem um filho que entrou agora no ginásio e que de manhã e à noite vende jornais, depositando satisfeito todo o seu ganho nas mãos já gastas de sua pobre mãe.

Aínda uma filha, alí encontramos que, além de todo o serviço da casa, trabalha como taquígrafa em uma grande casa comercial.

O dia passa cheio de trabalho para todos.

Mas também há nesta casa sorrisos, boas risadas, gestos alegres, muito otimismo e grande esperança.

Certa vez uma visita que esteve alí por alguns momentos, notou que o modo de se portarem os membros desta abençoada família, era natural e não forçado.

O filho entrou no quarto da mãe, olhos brilhantes e com u'a mão escondida para trás.

— Que você tem naquela outra mão, ó filho de minha alma?

Era um macinho de violetas que lhe trouxera, tiradas do campo.

A filha veio, trazendo um livro da biblioteca pública, e, com um beijo, colocou-o nas mãos da mãe, dizendo:

— Acho que a senhora vai gostar dêle, mamãe.

O pai sentou-se ao lado da cama e contou uma história muito engraçada que tinha ouvido naquele dia; no entanto, qualquer um percebia claramente como êle estava acabado.

— Que casa admirável, disse a visita. Que a torna assim tão boa e farta?

— E' a mamãe, respondeu o filho.

— E' o amor e a mamãe, acrescentou a filha.

— E' Cristo e o amor e a mamãe, acudiu o pai.

— E' o amor de Cristo e o espírito de Cristo em todos nós, resumiu a mãezinha.

Todos trabalham

(*Adaptação*)

— Maria, minha filha, lembra-se quantos anos você fez no domingo passado?

— Seis, mamãe.

— Muito bem, você acabou os seis e entrou em quantos?

— Em sete.

— Pois bem, Maria, já é tempo de você começar a fazer alguma coisa. Está na idade de trabalhar um pouco.

— Ora, mamãe, aínda é cedo. Quando eu for grande como a senhora, então, sim, farei muita coisa. Agora sou tão pequena... Quero brincar como os passarinhos e as flores.

— Está bem, minha filha, pois você vai hoje passar o dia com os passarinhos e as flores. Veja se acha no jardim com quem brincar.

Maria foi correndo e logo depois viu um tico-tico pousado num galho da roseira.

— Tico-tico, que vida boa é a sua! Quer brincar comigo? Você trabalha, tico-tico?

— Como não, menina. Trabalho desde cedo até de tarde.

— Mas eu não vejo. Então, cantar e voar é trabalho?

— Se é! Canto e alegro o jardim para você.

— Só para isso?

— Não! Canto também para acordar as meninas preguiçosas. Você nunca reparou que de manhã eu digo: *Maria, já é dia*?

— Você tem outro trabalho além dêsse, tico-tico?

— Tenho sim, graças a Deus. De manhã, cedinho, começo o meu serviço. Procuro palhinhas, musgo e felpas com que construo meu ninho. Uma vez pronto, bem macio e quente, ponho nêle os meus ovos e começo a chocá-los.

— Que faz o passarinho agora?

— Agora estou descansando um pouquinho. Tenho ainda muito que fazer hoje. Mesmo alí entre os galhos daquela trepadeira que cobre a cêrca, está o meu ninho e nêle cinco filhotes. Preciso levar-lhes alimento. E' o que vou fazer. Até logo, menina.

Maria ficou pensando no que o passarinho lhe dissera, mas logo depois uma abelha chamou-lhe a atenção. A abelha chupava as flores.

— Pobre abelhinha! como tenho pena de você!

— Pena de mim?! Por que?

— Sim, e muita pena, porque você está sempre trabalhando. Quer vir brincar um pouco comigo?

— Coitada da menininha! Você não sabe que é trabalhando que a gente é feliz? Tiro destas lindas flores o açucar e o aroma com que faço o mel do qual a menina com certeza gosta. Se eu não trabalhasse, que vida triste não seria a minha! Você deve ter pena é de quem não trabalha!

A abelha voou a chupar outras flores e desapareceu depois.

Maria ficou pensando.

"As flores é que são felizes. Elas não trabalham. Eu queria viver como elas sem ter o que fazer o dia todo."

Uma roseira, adivinhando o pensamento de Maria, disse:

— O' menininha, como você se engana! Minhas raizes, meu caule, minhas folhas e meus botões trabalham sem parar. De dia, debaixo do calor do sol, à noite, ao relento, estão sempre a trabalhar para que eu fique como estou agora, carregadinha de flores lindas e cheirosas.

Maria voltou para casa.

— Brincou muito, filhinha?

— Não brinquei, mamãe, não achei com quem brincar; os passarinhos, as abelhas e as flores, todos trabalham. Só se eu então brincar de trabalhar!

UMA BOA DESFORRA

— Olá, meu homenzinho! Como vai o *pichotinho* hoje?

Antes de poder responder a êste cumprimento, Juvenal, raivoso, cerrou os dentes e os punhos, enguliu saliva, e depois a muito custo, esboçou um ligeiro sorriso.

— Muito bem, *moço grande*, respondeu êle, esforçando-se para que sua voz saisse com naturalidade.

Raul deu uma risadinha e continuou. Vira o ligeiro rubor no rosto de Juvenal e o sorriso forçado.

— Juvenal fez como se quisesse esmagar você, observou Bento que o acompanhava. Novamente Raul sorriu zombeteiro.

— Sim, Juvenal é muito sensivel quando se referem ao seu tamanho. Gosto de deixá-lo nervoso. Êle sempre me lembra um galo nanico.

— Qualquer dia é capaz de êle enfiar as unhas em você, declarou Bento enquanto caminhavam.

Juvenal, no entanto, já estava mais conformado. Na verdade "subira a serra", a ponto de meter a unha em Raul, como disse Bento. Desejava disciplinar-se para aceitar com bom humor as ridicularizações que Raul fazia de seu pequeno tamanho, e para poder aínda dar boas respostas espirituosas. Porém, não o conseguia. Sua estatura era-lhe como uma ferida. Ela o impedia de entrar no quadro de bola ao cesto, o que tanto desejava. Ela o obrigava a usar ternos de roupa feitos para rapazes de muito menos idade que a sua.

Tentou evitar Raul mas não deu bom resultado. O *moço grande* percebeu que Juvenal fugia dêle e o amolava aínda mais.

"O que devo fazer é aguentar o mais que puder e esperar minha vez", pensou Juvenal.

Uma tarde, decorrida uma semana, Juvenal estava tomando laranjada no bar do Plácido, quando entrou Raul com outro colega. Imediatamente notou lá seu amigo Juvenal. Havia muitas pessoas no bar e esta oportunidade não se podia perder. Com solícita expressão no rosto, aproximou-se do amigo, pôs-lhe a mão no ombro de modo muito paternal e falou com tôda a seriedade:

— Você deve usar um salva-vidas quando beber em um copo tão grande assim, meu homenzinho. Imagine se você caisse dentro e morresse afogado! Calcule que perda não teria a escola com tal acidente!

Juvenal não suportou mais — levantou-se vermelho como pimenta, arremessou uma prata sobre o balcão e *chispou*, com grandes gargalhadas a soar-lhe aos ouvidos. Esperou um ônibus e assim que êste apareceu tomou-o logo, contente por poder escapulir.

No dia seguinte Bento viu Juvenal na rua e chamou-o.

— Você já soube do Raul?

— Não, não sei de nada. Aconteceu-lhe alguma coisa? perguntou Juvenal.

— Snr. Raimundo, um fazendeiro aquí da redondeza denunciou-o.

— Foi preso? Por que?

— Porque ateou fogo no galinheiro. Um dos vizinhos contou que o vira por lá justamente na hora em que o fogo começou. Raul tinha ameaçado ajustar contas com Raimundo por êste intimá-lo a sair de sua propriedade pouco antes. De modo que hoje à

tarde comparecerá perante o juiz. Acho que você deve estar lá, disse Bento.

— A que horas apareceu o fogo? indagou Juvenal.

— Ontem à tarde. Não sei a hora exata. Raul diz que não foi êle, mas não tem nenhuma testemunha a favor.

— Bem, estarei lá, respondeu Juvenal.

Foi com vivo interêsse que Juvenal acompanhou o depoimento. Ouviu Snr. Raimundo falar do fogo no galinheiro.

— Eu só o percebi quando já estava muito adiantado, confessou o fazendeiro. Mas meu vizinho, Snr. Marcelino, viu êste moço fugindo poucos minutos antes. E acho que é ele mesmo por uma questão que tivemos há poucos dias.

Snr. Marcelino foi chamado e jurou que era Raul o menino que corria ao redor do quintal do Snr. Raimundo.

— A que horas foi isso, perguntou o juiz.

— A's três horas, respondeu Snr. Marcelino.

— Como sabe a hora exata?

— Porque êle tomou um ônibus na esquina. Êle e o ônibus chegaram juntos e esse ônibus passa por minha casa ás tres horas em ponto.

— Que responde a isto, interrogou o juiz a Raul.

— Só tenho a dizer que ontem eu não andei por perto da casa do Snr. Raimundo em hora nenhuma, foi a resposta firme de Raul.

Juvenal, que tinha estado a ouvir atentamente, já não aguentava mais ficar em seu lugar, enquanto Snr. Marcelino tinha a palavra. Abriu a bôca como se fôsse falar, ficou meio de pé e sentou-se novamente. Uma luta parecia travar-se no seu íntimo.

Depois, levantou-se corajoso, avançou para a frente e parou diante do juiz.

— Permite-me falar senhor, perguntou êle. Posso bem servir de testemunha no caso.

Depois de alguma hesitação, o juiz consentiu.

— E' apenas isto, senhor, disse Juvenal. Eu sei que o menino a quem Snr. Marcelino viu não pode ser Raul, pois, eu estava ontem no bar do Plácido, esperando por aquele ônibus que parte de lá às 3 hrs. e 15 minutos. Enquanto eu estava tomando laranjada, chegou Raul acompanhado de um colega e conversou comigo.

Juvenal corou um pouco ao se recordar do que Raul lhe falara.

Eu estava de olho no relógio, o senhor compreende, continuou êle. Depois que Raul entrou, eu saí e tomei o ônibus. Por isso êle não pode estar envolvido na questão.

— Parece que isso resolve tudo, observou o juiz. Vamos verificar no bar do Plácido e se o seu depoimento for exato, Raul será sôlto.

Naquela mesma noite Raul apareceu em casa de Juvenal.

— Difìcilmente sei como agradecer-lhe, meu amigo, falou Raul. E diante do modo pelo qual eu o tenho tratado não posso entender porque você agiu desta maneira, pois teve uma ótima oportunidade para vingar-se.

— Sim, pensei nisso, admitiu Juvenal. Mas achei que vingar-me seria uma coisa pequena. Você bem sabe como eu *detesto* ser pequeno.

— Pequeno?, repetiu Raul. De ora em diante considera-lo-ei mui *grande*, pois a grandeza de alma sobrepuja a toda e qualquer estatura. Quem ousar chamá-lo de pequeno perto de mim, há-de me pagar, você vai vêr!

QUE FARIAS TU?

★ BISMARCK E OS SAPATOS ★

Bismarck, o futuro Chanceler de Ferro, lia em seu dormitório numa grande universidade da Alemanha, uma carta que o encheu de alegria.

Terminada a leitura, virou-se para os 2 companheiros que alí estavam :

— Que tal, hein, Karl e Fritz? Imaginem ! Fui convidado a uma festa em Berlim ! Como não hei-de ir ? Vou agora mesmo encomendar um par de sapatos alí no sapateiro da esquina. Acho que devo comparecer de ponto em branco a uma festa como essa, não acham vocês?

E sem esperar resposta correu ao sapateiro. Recomendou bem que precisaria dos sapatos dentro de 4 dias.

Snr. Paulo, o sapateiro, era um senhor de idade avançada, vagaroso e muito ocupado. Mas tanto o jovem Bismarck insistiu que êle aceitou a encomenda, dizendo :

— Bem, meu rapaz, daquí a 4 dias estarão prontos.

E voltou ao seu banquinho de trabalho.

Bismarck, sabendo, porém, da fama que tinha êste sapateiro de prometer e não cumprir, disse em tom de comando :

— Pois muito bem. Espero que o senhor apronte. Mas não se esqueça, preciso dêles daqúí a 4 dias.

Ao sair da sapataria, veio-lhe um pressentimento de que iria ter muita dificuldade em receber os sapatos no dia marcado. De volta para seu quarto, ia pensativo sem saber o que fazer para o sapateiro cumprir com a palavra. Não querendo, porém, que Karl e Fritz percebessem sua preocupação, fez cara alegre e entrou no quarto, dizendo:

— Pronto, nos sapatos ja não preciso pensar mais !

Mas seus companheiros que não perdiam oportunidade de brincar com os outros, aproveitaram-se da ocasião.

— E você pensa que seus sapatos estarão prontos no dia marcado? disse Fritz, rindo a bom rir.

— Você então não sabe, Bismarck, que aquele sapateiro é o mais lerdo aquí da cidade? interrompeu Karl. Uma vez papai encomendou-lhe um par de sapatos para o Natal e só ficaram prontos no Natal seguinte ! Ah ! Ah ! E você aínda conta com esses sapatos em 4 dias !

— Só se for daquí a 4 meses, acudiu Fritz, isso mesmo se Snr. Paulo trabalhar a valer.

Karl então, rematou, dizendo que ainda estava para nascer o bezerro de onde iriam tirar o couro para os sapatos de Bismarck.

Estas caçoadas reunidas ao seu receio anterior de que os sapatos não ficassem prontos, deixaram-no perturbado. Erguendo resolutamente a cabeça, disse :

— Vocês *hão*-de ver se eu não estarei com êles na hora !

Os rapazes riram-se, e êle, zangado, saíu do quarto.

Dois dias depois, o jovem Bismarck, acompanhado de seu cão, entrou na sapataria.

— Snr. Paulo, meus sapatos estão prontos? perguntou um tanto áspero.

— Aínda não, senhor, respondeu o homem, o senhor vê que estou. . .

— Está muito bem, interrompeu Bismarck, quero que o senhor saiba que, se êles não estiverem prontos no dia marcado, que é depois de amanhã, meu cachorro dá cabo do senhor.

E virando-lhe as costas, saíu da sapataria seguido por seu enorme mastim.

Resmungando consigo mesmo, ficou o o sapateiro, sem saber o que pensar da brutalidade do rapaz.

Bismarck, no entanto, caminhava com um único pensamento — o sapateiro *prometeu* dar os sapatos num certo dia e custe o que custar, *há-de* cumprir com sua palavra.

No dia marcado, às 6 hrs. da manhã já o sapateiro trabalhava diligentemente nos sapatos do moço. Preocupava-o mais não ser comido pelo cão do que acabar os sapatos. Ás 9 hrs, entrou na sapataria um homem uniformizado e disse:

— Estão prontos os sapatos do Snr. Bismarck?

O sapateiro impressionado pela aparência do visitante, pôde apenas sacudir a cabeça negativamente.

O emissário saiu e o velho, embora assustado com o tom de voz do homem, continuou seu trabalho com mais afinco.

Mais uma hora e novamente a mesma figura entra na sapataria e pergunta:

— Estão prontos os sapatos do Snr. Bismarck?

— Aínda não, senhor, murmurou o pobre do Snr. Paulo.

Durante todo aquele dia, de hora em hora, o sapateiro foi visitado pelo emissário que fazia sempre a mesma pergunta. O sapateiro, coitado, já não aguentava mais. Estava anoitecendo e faltava apenas um hora para exgotar o praso. Com dor nas costas e com os dedos amortecidos de tanto puxar e amarrar fios, costurava sem parar.

O relógio batia 7 hrs. e com nervosismo o sapateiro deu os últimos toques no momento em que o emissário entrava. Erguendo bem alto um sapato em cada mão, Snr. Paulo gritou triunfalmente:

— Estão prontos e na hora!

— Pois foi a sua sorte, disse o homem; o senhor Bismarck tê-lo-ia castigado porque entende que onde há boa vontade, há também um meio. Êle teria vindo passar a noite aquí acompanhado de seu cão, para ver o senhor trabalhar, antes de passar por sem palavra diante de seus colegas.

BRINQUEDOS E JOGOS

PASSA-PASSA CARTÃOZINHO

Sentam-se as crianças em círculo e passam de mão em mão um cartãozinho qualquer, dizendo — passa, passa cartãozinho. Enquanto isso, alguém vai tocando uma música. Quando, de repente, o piano pára, aquele que no momento estiver com o cartão, sai da roda. O último a ficar é o que ganhou. Devem antes escolher uma sentença bem engraçada para quem ficar por último. No centro do círculo ficará a pessoa que dirige o brinquedo.

●

REGOZIJANDO

Porque a criançada hoje está tão alegre? Oh! E' o Luizinho que depois de tão longa enfermidade, volta para a Escola Dominical, alegre e agradecido a Deus por suas melhoras e por lhe haver dado um papai e uma mamãe tão bons que não pouparam sacrifícios para o verem restabelecido.

Luizinho não se esqueceu: — levou uma oferta para o cofre de gratidão.

D. Paciência, a professora, então disse:

—Vamos todos cantar com alegria e entusiasmo, o hino **Regozijando**, que acaba de sair no "Bem-Te-Vi" de julho. E' muito bonito e próprio para a ocasião.

Todos cantaram. Luizinho cantou também.

Então d. Paciência falou:

—Vamos cantar mais uma vez. Mais alegres! Mais vida!

E cantaram. E saiu mais bonito aínda.
Esteve ausente o coleguinha,
Que, por doente, aquí não vinha;
Agora, entanto, que tem melhoras,
Vai entre nós permanecer.
Tributaremos a Deus louvores,
E graças demos por seu favores,
Saudando atentos o coleguinha,
Em alta voz e com prazer.

Extraordinário!

Não havia dúvida nenhuma. Todos percebiam claramente que Esterzinha estava ficando cada vez mais gorducha e redonda.

Tôdas as manhãs, quando a mamãe ía acordá-la, assustava-se ao ver o volume que fazia debaixo das cobertas. Examinando-a cuidadosamente, verificou, com tristeza, que as faces, as pernas e o corpo da filhinha estavam ficando mais e mais redondos.

— Confesso que não sei que fazer com a menina, disse a mamãe ao papai. Seus vestidinhos já não lhe servem e semanalmente preciso comprar novos.

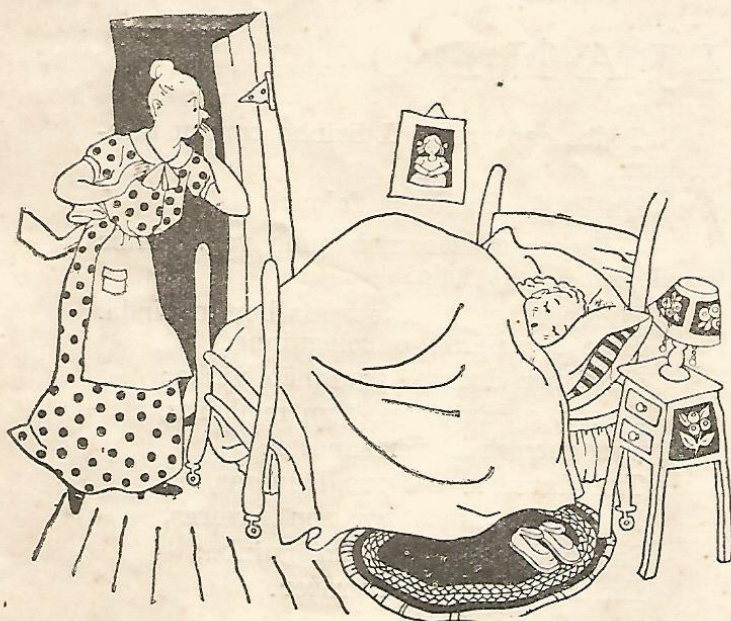
— Que costuma comer? perguntou o pai.

— O que outras crianças comem, respondeu a mãe — batata, espinafre, frutas e leite. O' vida minha, nem sei o que pensar disso!

— Por que não experimenta dar-lhe macarrão, peixe, arroz e feijão, sugeriu o pai.

Então a mamãe passou a dar-lhe peixe, macarrão, arroz e feijão em grande quantidade. Todavia a filhinha continuava a crescer só na largura.

A' tardinha, quando o papai voltava do serviço, era seu costume gritar, logo que entrava em casa:

Secção dos

— Olá, onde está o meu balãozinho hoje? e Esterzinha vinha correndo encontrar-se com êle. E o papai, tomando-a nos braços, passava-a sôbre sua cabeça e a punha nos ombros. Esterzinha gostava imensamente disso e dizia: "Mais uma vez" e pedia novamente: "Mais uma vez, papai", até que o papai, fingindo estar cansado demais, caía com ela no chão.

Mas ùltimamente notou que a menina, a-pesar-de cada cia mais gorda, tornava-se cada vez mais leve, e perguntou-lhe:

— Minha filha, será que você anda só comendo fermento? Será que lhe dão ar em lugar de comida?

Um dia mamãe saiu com ela a dar um passeio pela Avenida Rangel Pestana. O vento, antes brando, começou a soprar mais forte e Esterzinha ria-se a mais não poder, vendo diversos chapéus de palha, novos, carregados pelo vento, e seus donos correndo atrás dêles.

Por duas vezes o vento soprou tão forte em suas saínhas, que quasi a levantou nos ares; mal podendo andar, agarrou as mãos da mamãe.

— Segure duro em minha mão, Esterzinha, senão o vento carrega você, disse-lhe a mãe.

Ao ouvir isso Esterzinha achou muita graça e o vento também achou graça e, soprando um pouco mais forte, quasi arrancou o chapeu da cabeça da mamãe. Mamãe segurou-o com as duas mãos, e no momentinho em que largou de Esterzinha, o vento soprou o mais forte possível e ergueu-a da calçada.

Pequeninos

E lá se foi a gorduchinha, subindo, subindo, e revirando, sempre para cima, resvalando ora numa, ora noutra parede dos apartamentos. Foi subindo, subindo, até ficar por cima das casas, como se fôsse mesmo um balão de brinquedo.

De vez em quando o vento abrandava um pouco e ela descia suficientemente para poder olhar para baixo e ver nas ruas, tôdas as crianças, acompanhadas das pagens ou das mamães, paradas, olhando para ela. Podia até ouvir as crianças gritarem umas às outras que olhassem o balão engraçado, do formato de criança.

Vistos lá do alto, todos pareciam pequeninos. Pareciam até que nem tinham pernas.

Depois o vento parou um pouco para descansar, pois ficou cansado de soprar muito forte. Então Esterzinha começou a descer, descer. Abaixou tanto que um italiano que estava parado na esquina, vendendo balões e bolas coloridas, viu-a navegando pelo ar e disse:

"Que balão exquisito! Deve ser chinês, pois os chineses é que fazem balões parecidos com peixes e com bonecas".

Quando desceu mais um pouco, o italiano agarrou-a por uma perna e, num abrir e fechar de olhos, amarrou um barbante em seu pé e ali ficou ela, entre muitos balões vermelhos, azues e verdes.

Já a êste momento, muitas pessoas, uma multidão, vinham correndo, e Esterzinha pôde distinguir sua mãe à frente de todos, correndo o mais que podia. Atrás dela, muitos polícias vinham correndo também.

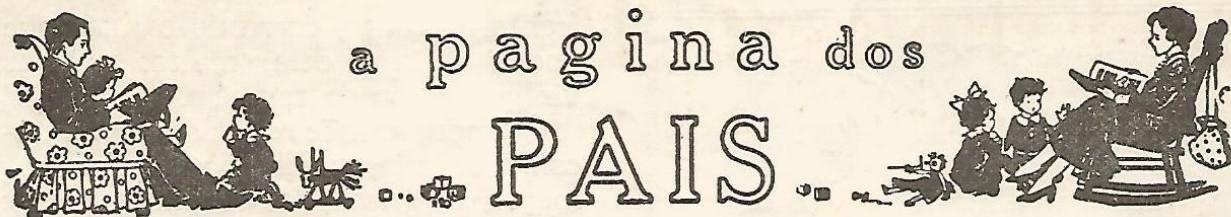
Quando a mãe de Esterzinha reconheceu alí sua filhinha preciosa, começou a gritar de alegria e disse:

— Oh! eu quero aquele lindo balãozinho em forma de criança. Quanto custa?

— 5$000, disse o vendedor.

A mãe de Esterzinha procurou a bolsa e, oh — azar — ela tinha ficado em casa sôbre o piano, ou sôbre a mesa, ou em alguma gaveta, como sempre fazem as mamães. Mas, seja como for, os 5$000 ela não os tinha e como iria comprar sua filhinha tão querida?

E a mãe de Esterzinha chorava tanto que as lágrimas, rolando na calçada, fizeram uma pôça. Um dos polícias, então deu-lhe $200; um outro também deu, e um outro também; todos os polícias deram. Ela contou o dinheiro — 5$000 justos, pois eram 25 polícias. Todos ajudaram um pouco.

Então o italiano entregou Esterzinha à sua mãe que segurou duro em suas mãozinhas. E, para não haver perigo de ser novamente carregada pelo vento, a mamãe pegou a outra ponta do barbante que estava amarrado no pèzinho dela e amarrou com nó cego na casa de seu próprio paletó.

CINEMA SOCIAL — EDUCATIVO

Vai, chegando, de certo, o dia em que o Cinema Social — Educativo passará de aspiração à realidade. Nesse dia terá rompido a rocha em fonte. E de seus múltiplos aspectos e inúmeros benefícios ter-se-á a escola de civismo, difundindo ensinamentos que tratariam de higiene, atividades agrícolas, pecuárias, minerais e fabris. No seu campo cultivável estariam todos, adultos, jovens e crianças. Estabeleceria, pois, um programa popular, amplo, abrangendo o mais necessário com vistas não só na vida social propriamente dita, mas igualmente na escolar, doméstica e individual. Tudo isto seria bom, e bom seria...

Incontestávelmente o cinema constituirá um proveitoso fator de cultura popular, se for bom, extreme das injunções do mercantilismo de cujo bojo se entornam copiosamente a insinuação, a infidelidade, a embriaguez, o crime, males enfim inúmeros e cujos efeitos largamente funestos sofre a sociedade de mil modos, tristemente.

Invenção maravilhosa e que devia estar totalmente posta na ilustração e sementeira do bem teve a sorte infeliz de ser, mui cedo, posta a sôldo do mal. Devendo ser educativa, construtora tornou-se comercial e, por via de regra, destruidora. Podendo ser agradável pelas novidades sem conta que apresentasse e, dêste modo, edificando intelectual e moralmente a vida, prosperando o povo, tem sido, pelo contrário, atraente e sobejamente convidativa, mas pela insinuação de sensualidade com que sulca profundamente os sentimentos do caráter e da moral, semeando neles a lavoira fartíssima do mal, cujos frutos mortíferos já na infância envenenam a inocência, na mocidade matam o respeito, sufocam os surtos de nobreza, amesquinham a vontade que reponta luminosa, e, na madura idade sobrevestem de luto os dias que se arrastam pesadamente acorrentados de arrependimentos, se não já remorsos de conciência.

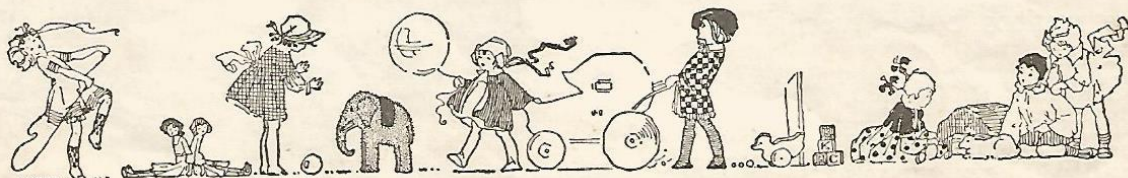
Como quer que seja não está fora de tempo uma campanha enérgica, ponderada, inteligente, e como tal, suasória, por tôdas as razões ininterrupta, contra o mau filme. Censura radical e minudente afim de que os impróprios sejam proíbidos, desapareçam. Porfioso empenho por que sejam todos substituidos de sorte que não falte a diversão, mas que seja sadia, a um tempo, ilustrativa, cívica, educadora, construindo sòlidamente sôbre fundamentos de larga e inabalável moral.

Que haja o cinema, sim, a preços populares, mas em cujos bancos possam assentar-se, lado a lado, os pais e os filhos, crianças, adolescentes e jovens, conhecidos, amigos e estranhos, todos, mas em tudo sem nenhum constrangimento que talvez a película, por seus lances, a cada passo motive, como sóe acontecer nos que, não poucas vezes, mais alardeiam respeito.

Fitas haverá de objetivo especial tratando assunto científico, quiçá artístico, que se não anunciarão para o público, tendo, como deve ser, o concurso de apenas interessados no que elas estudam.

Mas, não esmoreça o trato do ponto que deverá avantajar-se sobremodo, com proveitos de ordem social — educativa, intelectual e moral.

Haja programa cuja primeira parte seja a eliminação do filme ruím e cuja segunda parte seja a vulgarização do bom, até que o programa se torne *variadíssimo* em seus aspectos, mas *único* no tocante à qualidade que será sempre boa, atraente, educativa, e largamente proveitosa.

Da *Voz De Rebate*.

F I L A T É L I A

OS LUSÍADAS

W. K.

Aí está um sêlo muito comum nas coleções, e que no entanto, é bastante instrutivo.

Podemos apreciar na estampa um livro aberto nas mãos da moça estudiosa. Nele está impressa uma cruz de malta e escrito um nome : LUSÍADAS.

Consideraremos êste nome e seu significado.

*

A mitologia diz que Luso, um pastor, filho ou companheiro de Baco, povoou a parte mais ocidental da península ibérica, isto é, onde está hoje Portugal. Os habitantes chamavam-se lusos, lusitanos ou lusíadas. Esta última designação foi aproveitada por Luiz de Camões uma só vez, como título de sua obra imortal : *Os Lusíadas*.

Os portugueses estavam muito ocupados com as conquistas e navegações. Seria necessário aparecer um homem que imortalizasse em verso as façanhas gloriosas do povo luso. E êste homem foi Luiz de Camões. Escreveu êle um poema épico, (cujo nome vimos), em 10 cantos; o assunto principal é o descobrimento do caminho das índias por Vasco da Gama, mas trata também de alguns dos episódios mais salientes da história de Portugal.

Há muitas edições portuguesas dos Lusíadas, sendo a primeira de 1572. Existem também numerosas traduções em várias línguas.

Em 1924, comemorando o 4.º centenário de seu nascimento, Portugal emitiu uma série de sêlos. As diversas estampas dêstes sêlos mostram partes da vida daquele filho de Portugal. São elas : Camões em Ceuta ; salvando os Lusíadas do naufrágio ; Luiz de Camões ; Os Lusíadas ; últimos momentos de Camões ; túmulo de Camões ; monumento a Camões.

*

A-pesar-de ser autor de tão grande obra, Camões morreu quasi desamparado. Ficava, porém, deveras imortal o fruto do seu gênio, Os Lusíadas, o Evangelho cívico da Pátria Portuguesa.

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

DELÍCIAS DE TOMATE E ABACAXI

1½ ch. de suco de tomate
1 ch. de caldo de abacaxi
Caldo de um limão

Despeje numa jarra o suco de tomate e abacaxi. Exprema o limão e passe tudo numa peneirinha.

Deixe esfriar bem.

E' delicioso para o almoço, antes do jantar ou para o chá da tarde.

BOLO PARA O CAFÉ

½ ch. de assucar
1 col. de manteiga
½ ch. de leite
1 ch. de trigo
2 colheres das de chá de pó royal
1 clara de ovo muito bem batida
1 colherinha de baunilha.

PUDIM DE SALMÃO

2 chícaras de salmão picado
1 ½ chícara de migalhas de pão bem pequenas
4 colheres (de sopa) de manteiga
2 ovos batidos
1 colher de sopa de salsa picada
Sal e pimenta.

Combine todos os ingredientes. Ponha numa forma untada e deixe assar em banho-maria, em forno regular, durante 1 hora. Sirva quente ou frio, com molho branco, no qual tenham sido picadas algumas azeitonas.

NOTA : Pode-se substituir o salmão por qualquer outro peixe fresco.

Coração-Forte na Floresta

Capítulo • II •

Marcos olhou atentamente para os sinais dos cascos de cavalo. Apareciam ao redor de tôda a choupana mas sumiam-se mais adiante onde o chão era coberto de grama.

— Aquele cavaleiro com certeza esteve aquí, disse Marcos, e saiu a tôda pressa, voando ou não, hein Súsie?

— Coração-Forte vai ajudar outros na grande floresta, interrompeu Peixinho-Vermelho, com calma.

— O' meu menino, pelo que vejo você conhece bem nossa língua, pois entende tudo o que falamos! Conte-nos então, quem é êsse Coração-Forte e se realmente anda em um cavalo que voa, como pensa minha irmãzinha.

Um risinho malicioso passou pelos lábios do menino, mas não proferiu nenhuma palavra.

Enquanto isso Raquel fazia os serviços na choupana. Pôs a carne para cozinhar em um caldeirão com água da mina ; as batatas estavam na cinza para assar; preparou uma sopinha com bastante caldo para o velho que não podia alimentar-se com alimentos pesados. Finalmente amassou, em uma panela, o delicioso bolo de milho e o pôs para assar sôbre as brasas. Depois sentaram-se e comeram satisfeitos. Peixinho-Vermelho alimentou-se e serviu o velho, que imaginava ser seu avô.

Quando Raquel acabou o serviço, apressou-se a voltar. Mostrou ao Peixinho-Vermelho como preparar mais sopa para o vovô, quando êle quisesse. Os olhos acesos do ìndiozinho não perdiam nenhum movimento das mãos ágeis da menina.

— Agora precisamos ir, declarou ela.

— Com todo êste alimento e lenha, estes dois coitados ficarão mais ou menos remediados. Sem dúvida, seu amigo Coração-Forte voltará a ver como estarão passando.

Peixinho-Vermelho atravessou a lagoa com êles, de canoa, e num instante fizeram o caminho através dos galhos e arbustos. Pelo sol, Marcos achou que devia ser meio-dia.

A primeira coisa que fizeram foi procurar cuidadosamente algum vestígio da vaca perdida. Já fazia três dias que vinham à floresta à sua procura. Deveriam outra vez voltar para casa sem ela?

Súsie deu um grito de alegria quando enxergou na terra húmida, vestígios de pés de vaca. Iam em direção errada, mas as crianças seguiram-nos, cheias de alegria. Depois de uma pequena caminhada deram com uma clareira no meio da qual se erguia uma casa de táboa, já bem arruinada.

Meia dúzia de crianças brincavam no capim em frente, e uma mulher, com uma criancinha nos braços, estava sentada no degrau da porta. E, pastando por alí, com um menino risonho a cuidar dela, estava sua vaquinha Pintura.

Os olhos do menino começaram a piscar ao ver que as crianças se aproximavam.

— Procura uma vaca perdida? interrogou. Como prova que esta lhe pertence?

— Eu lhe mostro já, já, de quem ela é, exclamou Súsie, e começou a chamá-la carinhosamente : *Pintura, vem, Pintura.*

A vaquinha ergueu a cabeça e, virando-se, foi em direção à Súsie que alisou seu pescoço aveludado e deu-lhe um punhado de capim. O menino encantado, ria, olhando para ela. O mesmo faziam as crianças, a mulher e a criancinha.

— Ela é de vocês, não há negar, disse a mulher. Outro dia apareceu por aquí, vindo da mata, e nós cuidamos dela. Bem Samuel disse que logo alguém viria procurá-la.

As crianças sentaram-se no capim para descansar e contar suas aventuras. A mulher sacudiu a cabeça quando lhe falaram sôbre o velho índio e o ìndiozinho, e como alguma pessoa misteriosa, chamada Coração-Forte, lhes havia levado alimento e picado lenha.

— O velho e o menino vivem sòzinhos nesse lugar. De vez em quando

vem alguém da tribu a ver como vão indo. Mas, quando passa muito tempo sem ninguém vir, quasi morrem de fome. Coração-Forte quando passa por aquí não se esquece dêles.

— Coração-Forte é algum índio? perguntou Marcos.

— Nunca! E' um branco, sabe ler e escrever, o que nenhum de nós sabe. Êle nos vem visitar também.

— Então qual é seu nome certo, indagou Raquel.

— Nunca nos disse, foi a resposta, por isso nós o chamamos de Coração-Forte, como dizem os índios.

Ficaram alí ainda meia hora e a mulher lhes contou quantas coisas Coração-Forte tem feito por êles.

— Acho que meu cavaleiro voador ajuda a tôda gente, disse Súsie, arrancando mais capim para a vaca.

— E' êsse o nome que você lhe deu? perguntou a mulher, rindo. Na verdade, êle anda a cavalo, mas nunca o vi voando.

As crianças se levantaram, despediram-se e tomaram o caminho de casa, através da floresta. Pintura caminhava ao lado. Agora não temiam que fugisse outra vez, pois parecia estar muito contente por ter encontrado seus amigos, depois de andar perdida pela mata.

Sentaram-se para descansar um pouco, não se apressando tanto, uma vez que a vaca fôra encontrada. O lugar que escolheram era aprazível, debaixo de um grande carvalho e perto de um regato. A' ultima hora o índiozinho tinha dado a Raquel um pacote embrulhado em cascas de árvore. Eram pedaços do bôlo e da carne que ela mesma preparara.

Estavam comendo a merenda à margem do regato, quando Súsie correu e pegou alguma coisa que estava no musgo alí perto. Era um livrinho — coisa maravilhosa para se achar naquela grande solidão, nos dias em que os livros eram tão poucos.

— Alguém que parou aquí para descansar, com certeza derrubou-o e se esqueceu dêle, disse Raquel.

Em seguida, deu um grito de exclamação ao ler o nome escrito na primeira folha: *Francis Asbury*.

— E' o nome do bom missionário que anda por tôda parte, confortando os infelizes e ensinando os maus a serem bons. Papai diz, que êle é um entre mil. Oh! Se ao menos uma vez pudesse vê-lo! Deve ter passado por aquí, na certa, talvez esta manhã mesmo.

Puseram o livro cuidadosamente sôbre uma grande pedra e ficaram olhando-o.

— Se o deixarmos aquí, a chuva pode estragá-lo, mas se o levarmos e o dono voltar em sua busca, ficará contrariado de não o encontrar, refletiu Raquel.

Estavam ainda de pé, olhando o livro, quando Pintura ergueu a cabeça, com um berro de terror, desatando a correr pela floresta. Imediatamente viram o que a afugentara. Em um aberto de galhos, a poucos metros, estava um grande urso de pêlo comprido, sacudindo a cabeça de um lado para outro, enquanto olhava para êles, com seus olhos pequenos e maus. Soltou um bramido medonho quando Marcos atirou-lhe um pau. Mas no momento seguinte, desapareceu por entre os galhos.

— Foi atrás da vaca! gritou Marcos. Êle nos vem seguindo por causa dela. Mas eu garanto que não há-de apanhá-la. (*Continua*)

A Colher Mágica

Miguel morava em casa dos primos Ricardo e Arací. Era um menino magro, desanimado e nunca ficava corado. Os primos gêmeos, pelo contrário, comiam bastante arroz e feijão, verdura, fruta e leite. Eram crianças rosadas, alegres e dispostas.

Ricardo, tendo posto a última colherada de comida na bôca, disse, olhando para Miguel :

— Você aínda não acabou — ?

— De comer ? finalizou Arací

— Não gosto de arroz e feijão, respondeu Miguel, com muita delicadeza. E, tremendo de frio, abotoou o paletó.

— Os cereais conservam-nos quentes, aventurou Ricardo.

—E cheios de energia, ajuntou Arací.

— Estou bem quente, obrigado, disse Miguel, com mais delicadeza aínda. E levantou-se da mesa.

— Que havemos de fazer com êle? suspirou Ricardo.

— Se ao menos raciocinasse um pouco, disse Aracı. Mas é tão delicado. E' como se falassemos a uma parede.

Dalí a pouco mamãe chamou os gêmeos e disse :

— Olhem, amanhã é dia de anos do Miguel. Tomem êste dinheiro e vão comprar-lhe um presentinho.

— Ah ! Gostaria de lhe comprar um sobretudo de pele, pois vive tremendo, disse Ricardo.

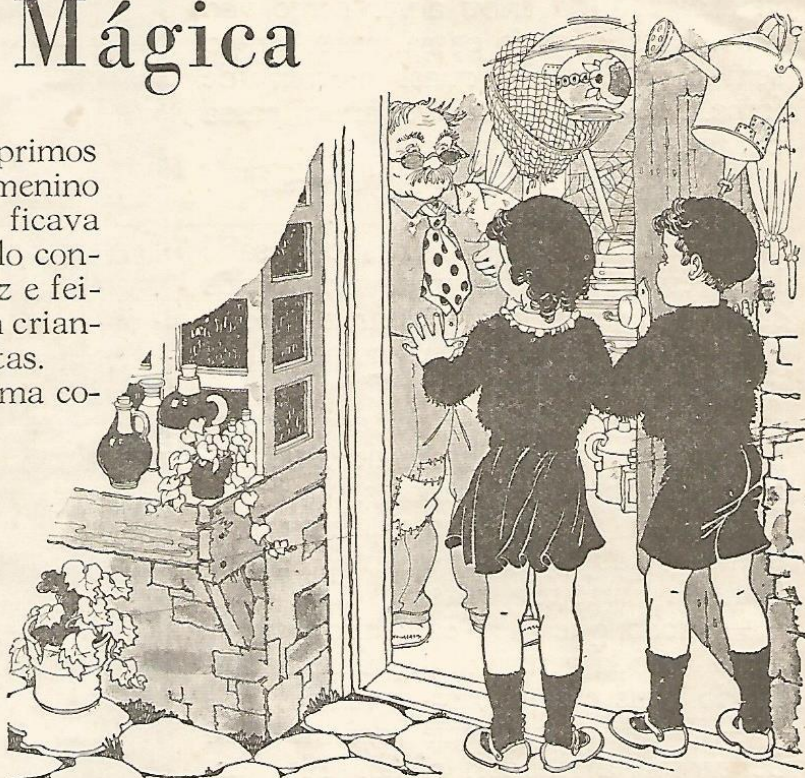
—Ou um despertador, sugeriu Aracı. E' tão sossegado!

— Bem, disse mamãe, comprem alguma coisa bem bonita para o coitado.

— Havemos de comprar, respondeu Ricardo.

— Certamente, acrescentou Arací. Sairam.

— Que não estarão planejando essas crianças, disse a mãe, que olhava os dois pela janela.

Pelo caminho discutiram tanto sôbre o presente, que até foram por rua errada.

De repente Arací avistou uma loja muito exquisita, com janelas côr de rosa.

— Veja, Ricardo ! gritou a menina. E' a primeira vez que vejo essa loja.

— E' bem exquisita mesmo, concordou Ricardo. Parece uma loja de presentes.

— Vamos espiar lá, lembrou Arací. Garanto que encontraremos um presente *da ponta* para Miguel.

Os gêmeos ficaram um tanto atrapalhados ao entrar. Realmente era diferente das outras lojas. As mercadorias estavam espalhadas pelo chão ou amontoadas no balcão, em completa desordem.

— Acho melhor não — ia dizendo Ricardo.

— Isto até parece misterioso, cochichou Arací.

Dissipou-se-lhes, porém, o mêdo, ao ver um velho alegre e simpático, de óculos côr de rosa, dirigir-se a êles.

— Oh ! disse o velho, alguma coisa para presentes hoje ?

— Isso mesmo, respondeu Arací. Queremos escolher um presente para Miguel Pereira.

— Miguel é nosso primo, acrescentou Ricardo.

— Oh! oh! gritou o velho negociante. Miguel Pereira ! Ja sei ! E' êle mesmo.

E começou a folhear um livro enorme, olhando por cima dos óculos côr de rosa.

Os gêmeos esperavam ansiosos, mas o velho parecia completamente absorto no livro.

"Miguel Pereira", continuou monologando.

"Hum, hum ! E' isso mesmo. Exatamente como eu pensava. Terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira ! Horrível ! Bem, bem. Muito bem !

— Você não acha que êle se esqueceu de nós ? disse Arací baixinho.

— Nem sei o que pensar, respondeu Ricardo, no mesmo tom de voz.

"Sábado! Domingo! Segunda-feira! Cada vez peor !", murmurou o velho "Nem uma colherada !"

De repente deu um grito tão inesperado, que os gêmeos pularam para trás.

"Tenho sim", gritou com demasiada alegria. "A colher mágica ! Sim, sim. Vamos dar-lhe a colher mágica".

— O senhor quer dizer — começou Arací.

— para Miguel ? perguntou Ricardo.

— Deixem-me ver. Onde estará ela ?

O engraçado negociante começou a remexer tudo, jogando caixotes de um lado, gaiolas e guarda-chuvas de outro, de tal modo que tudo ficou de pernas para o ar, em completa confusão.

Ricardo e Arací pulavam daquí para alí, procurando sair do caminho. Afinal, quando o velho parou um pouco para respirar, Aracı viu-se emaranhada em uma rede de pescar e Ricardo estava quasi escondido atrás de uma coruja embalsamada.

— Lá está, gritou o exquisito negociante. Lá está ela, no colo da menina.

Efetivamente lá estava uma colher de prata, reluzindo em seu colo, mas como foi parar alí, era um mistério.

— Bém ! disse Aracı, sacudindo o pó de seu vestido.

— Muito bem ! disse Ricardo, pulando por cima da coruja.

— Quanto custa a colher ? indagou Arací.

O extraordinário negociante parecia não ouvir. Estava ocupado em fazer entrar num vaso um porquinho de borracha.

— Quanto lhe devemos pela colher ? insistiu Ricardo.

— Oh ! respondeu o velho, nada. Daquí a uns dias far-lhes-ei uma visita. Espero que Miguel tenha um feliz aniversário.

— Muito agradecido ! Muito agradecida ! gritaram as duas crianças.

Pelo caminho de casa e durante o dia todo os dois só falavam, em cochichos, sôbre aquele negociante tão exquisito. Durante a noite, corujas embalsamadas e porquinhos de borracha apareciam em seus sonhos, enquanto o velho engraçado, com óculos côr de rosa. falava : Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira! Cada vez peor !

O almôço do dia seguinte foi uma festa. Miguel parecia muito satisfeito com os presentes recebidos e agradecia delicadamente à titia e aos primos

— Essa é para comer com ela, explicou Arací.

— Especialmente arroz e feijão, disse Ricardo, só para brincar com êle.

— Vocês bem sabem, disse Miguel com muita delicadeza, que eu não —

— Não gosta — continuou Arací.

— de cereais! concluiu Ricardo, rindo.

— E' isso mesmo o que eu ia dizer, sorriu Miguel calmamente.

E com muito sossêgo pegou a colher de prata.

Então — maravilha das maravilhas — êle começou a levar à bôca grandes colheradas de arroz e feijão e verdura!

— Chega ! falou Miguel com a bôca cheia.

Desta vez esqueceu-se de ser delicado, pois bem sabia que não se fala com a bôca cheia.

— Chega ! Não gosto — tentou dizer.

Mas a colher continuava a levar-lhe comida à boca, sem parar.

— Ela é mágica, disse Arací, ao ouvido de Ricardo.

— Deve ser, respondeu Ricardo, pois nunca o vi comendo tanto!

— Chega ! gritou o pobre Miguel. E' de verdade, não quero —.

—Maravilhoso! disse a mãe das crianças. Não é de se admirar que o Miguel está comendo bem ? Dá gôsto vê-lo agora.

—E' mesmo, responderam os gêmeos.

A colher mágica, tendo chegado ao fundo do prato, ajuntou uma última colherada e parou depois bem quietinha no prato.

Nas outras refeições a colher se

conduzia como outra qualquer colher comum, mas à hora do almôço, parecia possessa, não parava de levar comida à boca do Miguel, mesmo sem êle querer, até ver o fundo do prato. E assim continuou fazendo, dia após dia, a-pesar da indisposição do menino. Pouco a pouco Miguel foi cobrando ânimo e já se conservava mais quente e mais disposto.

— Agora êle já é capaz de longas caminhadas, disse Ricardo, elogiando-o.

— E é o primeiro a pular da cama cedo, observou Arací.

— Eu aprecio mesmo as maneiras de Miguel agora, disse Ricardo.

Certo dia, porém, a mãe das crianças, ao pôr a mesa para o almôço, não pôde encontrar a colher de Miguel.

"Não faz mal, pensou ela, uma é tão boa como a outra". E pôs no lugar dêle uma colher comum.

Miguel já tinha comido metade quando Arací reparou na colher.

— Como, essa não é — principiou, e pôs-se a rir. Oh ! Vejam o Miguel comendo sem a colher de prata !

— Não acho nenhuma graça nisso, disse Miguel delicadamente.

Parece mesmo exquisito, acudiu Ricardo muito admirado.

— Que há de exquisito em alguém gostar de arroz, feijão e verdura, perguntou Miguel.

— Oh ! disse Arací, olhando triunfalmente para o irmão.

— Oh ! disse Ricardo.

E começou a rir.

— Sabem de uma coisa ? perguntou Miguel. Eu gosto muito de cereais e verdura.

E comeu a última colherada do prato.

— A questão é que não sei onde foi parar aquela colher, disse a mãe muito aborrecida.

— A senhora não sabe onde está ? perguntaram.

— Já revirei a casa e não a encontrei.

— A senhora não viu ninguém — ? perguntou Arací.

— Nenhum homém velho — ? perguntou Ricardo.

— Com um porquinho de borracha ? disse Arací.

— Pois vi êsse velho, respondeu mamãe. Apareceu aquí vendendo óculos côr de rosa, mas eu disse que não precisava.

— Então êle veio — disse Arací quasi gritando.

— buscar a colher ! concluiu Ricardo, rindo gostosamente.

— Bem, se acabaram a conversa, disse Miguel com amabilidade, eu gostaria de repetir arroz e feijão.

Duas meninas e duas bonecas

— Ah, mamãe, eu vi uma boneca *ma-ra-vi-lhosa* na Casa dos Brinquedos, anunciou Marília ao almôço. E, mamãe — ah ! — a senhora quer comprá-la para mim ? implorou ela.

A mamãe olhou para o papai e o papai para a mamãe, mas nenhum disse palavra.

Marília tinha tudo que uma menina podia desejar e nunca parecia satisfeita. O papai e a mamãe estavam pensando como poderiam fazer Marília mudar de jeito. Que pena aquilo, porque no mais Marilia era tão agradável !

A mamãe disse :

— Marília, eu vou de tarde à cidade. Você quer ir junto ?

Naturalmente, ela estava mais que pronta para ir, porque em geral êsses passeios rendiam algum brinquedo novo, a-pesar-de suas prateleiras já estarem abarrotadas.

E saíu tudo como esperava. Sua mãe fez umas compras no centro e após alguma instância por parte de Marília, acabou comprando a cobiçada boneca. Então ambas entraram no automóvel.

Marília estava tão ocupada com a boneca nova que nem reparou na direção que sua mãe tomava, até que o carro parou.

Então Marília olhou admirada. Decerto a mamãe tinha-se atrapalhado no caminho, porque em vez de estarem em frente de casa, achavam-se num ponto desconhecido da cidade. Era a rua mais suja que Marília tinha visto na sua vida. Ela hesitou em descer alí.

— Venha, minha filha disse-lhe a mamãe. Vamos descer aquí.

— Mas, mamãe, protestou Marília, aonde vamos ?

— Vamos visitar uma boa mulher e sua filhinha.

A mamãe bateu na porta de uma casa pequena e feia. Uma mulher de fisionomia agradável, mas pobremente vestida, veiu atender. O coração de Marília quasi parou de bater quando lançou os olhos pela salinha e verificou a pobreza daquele lar. Numa cadeira de balanço, estava assentada uma menina de sua idade. Abraçava com carinho uma bonequinha já sem côr nem forma. Era uma aleijadinha, mas parecia bem alegre, cantarolando para a boneca que tinha nos braços.

Marília não podia tirar os olhos daquela menina com sua bonequinha esfrangalhada. De repente sentiu um nó na garganta. No seu coração houve uma ligeira luta entre dois sentimentos. Mas um deles venceu logo. Com os olhos marejados de lágrimas, aproximou-se de sua mãe e segredou-lhe alguma coisa ao ouvido.

— Pode, sim, meu bem, respondeu-lhe a mamãe num tom alegre.

Imediatamente, Marília desenrolou a linda boneca nova, no colo da aleijadinha.

— Oh-oh ! exclamou a menina. Que beleza ! Mas naturalmente não é para mim. . .

— E', sim, afirmou Marília. E' sua boneca, se gostar dela.

Naquela noite, quando foi pôr Marilia na cama, a mamãe disse :

— Minha filhinha, hoje fiquei muito contente com o seu ato generoso.

— Por ter dado a boneca à aleijadinha, não é, mamãe ?

— Isso mesmo, meu bem. E pode estar certa de que você tambem a tornou muito feliz. Mas reparou, minha filha, como aquela menina estava contente mesmo com uma boneca tão estragada ?

— Reparei, mamãe, respondeu Marília com doçura, e-e- eu não vou mais queixar-me dos meus brinquedos. Mamãe, prosseguiu Marília, hesitante, a senhora não podia arranjar mais algumas crianças pobres ? Porque eu quero repartir com elas os meus brinquedos.

— Amanhã mesmo, respondeu a mamãe, beijando Marília e desejando-lhe boa-noite.

CIVILIDADE

O VALOR DA PALAVRA

Benedito era um menino vivo, inteligente e muito arteiro. Estava no 3.º ano primário. Uma coisa, porém, Benedito não sabia — era dar valor à sua palavra. A's vezes, ao ser chamado para explicar alguma brincadeira de mau gôsto, dizia logo à professora:

— D. Rosinha, o caso foi assim, assim e assim ; se a senhora não quiser acreditar, pode perguntar a fulano, e citava um colega qualquer.

Um dia D. Rosinha chamou-o e disse:

— Benedito, por que você fala sempre — *pode perguntar a fulano ?* Então *sua* palavra não tem valor ? Você mesmo já acha que ela não merece crédito, e que a de seu colega vale mais ?

Benedito começou a pensar. D. Rosinha tinha razão. Não havia antes percebido que êle era o primeiro a desvalorizá-la. Como poderia esperar que os outros nela acreditassem ?

— Você, Benedito, deve dizer, continuou a professora, que eu posso crer no que você diz, porque é *sua* palavra e ela vale tanto quanto a dos colegas, ou mais aínda. Você deve prezar-se por ser um menino de palavra e não buscar a de outrem para dar valor à sua.

Pois, dêsse dia em diante, Benedito, ao ser interrogado sôbre alguma coisa, dizia resoluto :

— D. Rosinha, o caso deu-se assim e assim. A senhora pode crer no que digo, pois quando Benedito diz sim é sim ; quando diz não é não.

E era mesmo.

Benedito começou a dar tanto valor à sua palavra e a prezá-la tanto, que ninguém mais duvidava do que êle dizia.

Depois de grande, ouvi alguém dizer, referindo-se a êle :

— Foi o Benedito que disse ? Ah ! Então pode estar descansado, pois Benedito tem uma palavra só.

Régulo, general romano, ilustre pelo seu valor e lealdade, foi feito prisioneiro dos cartagineses com quem os romanos estavam em guerra. Depois de 2 anos de prisão, os cartagineses enviaram-no a Roma a tratar do resgate dos prisioneiros e da paz, tendo êle antes dado sua palavra de que voltaria para continuar prisioneiro, caso não concordassem os romanos com a proposta.

Chegado a Roma, Régulo foi o primeiro a aconselhar seus concidadãos a não aceitarem a proposta, por ser desvantajosa. Os romanos ouviram seu conselho e rejeitaram o acôrdo oferecido pelos cartagineses.

Cumprida sua missão, Régulo preparou-se para voltar. Falaram-lhe os chefes romanos, aconselharam-no os amigos, suplicaram-lhe os parentes que não voltasse. Nada o abalava.

"*Como hei-de eu ficar, se dei minha palavra de que voltaria,*" dizia o romano leal.

Bem sabia êle que torturas o esperavam, mas fiel à sua palavra, voltou a constituir-se prisioneiro dos cartagineses que lhe deram morte horrível.

Diz-se que morreu dentro duma barrica, tôda cravada de pregos, batidos de fora para dentro, a qual fizeram rolar até que desse o último suspiro.

●

UM PLANO para todo o "Bem-Te-Vista"

★ Chegou-nos aínda em tempo a oferta de *Maria Luiza Berberto* em nome da classe "*Jóias de Cristo*" — *Getulina, Est. S. Paulo* para o pavilhão Bem-te-vista dos índios caiuás. Gratos. ★